

 Colégio Santa Catarina Excelência Acadêmica com Formação Cristã	Nome:		Nº
	1º ANO – ENSINO MÉDIO	LÍNGUA PORTUGUESA	PROFa.: GLÍCIA LEMOS
Data: ____ / ____ / 2020	LÍNGUA PORTUGUESA		
ATIVIDADES DE REVISÃO			

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

LÍNGUA X GRAMÁTICA

O que diferencia o homem dos outros animais é a capacidade de se comunicar através da fala. Utilizamos a linguagem para significar o mundo e tudo passa a ter sentido a partir dela. Cada língua tem a sua gramática, que é o esqueleto da língua. Contudo a gramática não deve ser confundida com a língua. A língua é uma entidade viva, que sofre transformações conforme as mudanças que são feitas por seus falantes, tem suas variedades e pode ter as palavras modificadas dependendo do contexto em que se inserem. Essas mudanças não ocorrem de modo aleatório, há uma razão para a ocorrência de cada fenômeno.

A gramática normativa é um conjunto de regras pré-estabelecidas que dita o modo correto de utilizar a língua do ponto de vista formal. As mudanças da língua não são facilmente incorporadas pela gramática normativa, por isso ela permanece com regras que não são utilizadas no dia a dia dos falantes, o que faz com que estes passem a afirmar que “não sabem português” ou “português é difícil”.

Os vestibulares das universidades e faculdades atualmente já trabalham com a ideia de língua em suas provas, procurando modernizar os conceitos, aproximando-os o possível das teorias da linguística moderna.

Alguns autores da área da linguagem, como o linguista Marcos Bagno, em seus livros, tentam atualizar a noção de língua enquanto entidade viva, como pode ser visto neste texto que fez parte da prova de Língua Portuguesa do SSA 2º ano do ensino médio aplicado em 2010:

Nada na língua é por acaso

Tudo o que acontece numa língua viva, falada por seres humanos, tem uma razão de ser. E essa razão de ser não tem nada a ver com a preguiça, o descaso, a corrupção moral, a falta de inteligência, a mistura de raças, e outras alegações preconceituosas que vêm sendo repetidas desde antes de Cristo.

A língua é uma instituição social, ela é parte integrante da vida em sociedade; por isso as mudanças que ocorrem na língua resultam da ação coletiva de seus falantes, uma ação impulsionada pelas necessidades que esses falantes sentem de se comunicar melhor, de dar mais precisão ao que querem dizer, de enriquecer as palavras já existentes com novos sentidos (principalmente os sentidos figurados, metafóricos), de criar novas palavras para dar uma ideia mais precisa de seus desejos de interação, de modificar as regras gramaticais da língua para que novos modos de pensar e de sentir, novos modos de interpretar a realidade sejam expressos por novos modos de dizer.

A mudança linguística é resultado da interação entre fatores internos – os mecanismos cognitivos que processam a linguagem dentro de nosso cérebro – e fatores externos à língua, ou seja, fatores sociais e culturais.

As mudanças linguísticas não ocorrem aleatoriamente. (...)

Quando as pessoas sem conhecimento específico dos processos de mudança falam de “erro”, na verdade o que elas estão chamando de “erro” é algum fenômeno de transformação pelo qual a língua está passando. Uma transformação que nada tem de fortuito, de casual, nem de aleatório. E que é fruto, insisto, da ação dos falantes sobre a língua.

(Marcos Bagno. Não é errado falar assim. São Paulo: Parábola, 2009, p. 44-45. Adaptado.)

1. Responda com suas palavras: qual a principal diferença entre língua e gramática?

2. Que trecho do texto de Bagno poderia ser determinado como a tese defendida por ele?

3. Quais são os argumentos que o autor utiliza para sustentar a sua ideia principal?

4. Qual o ponto de vista do autor sobre a ideia de erro na língua?

5. Explique a afirmação “As mudanças linguísticas não ocorrem aleatoriamente”

As sociedades sempre sentiram a necessidade de estabelecer um padrão linguístico a ser seguido pelos seus falantes, mesmo sabendo que a língua se modifica e varia conforme a época. A esse padrão a ser seguido damos o nome de **norma culta** ou **norma padrão** e ela é ensinada nas escolas e utilizada em livros, revistas, jornais, textos acadêmicos e em situações formais da oralidade. A norma culta é mais uma das variedades da língua em uso e, por conta de suas particularidades e funções sociais, é a mais adequada para determinadas situações.

Entretanto a língua pode variar de acordo com alguns fatores, tais como o tempo, o espaço, o nível cultural, social e a situação em que o indivíduo se manifesta verbalmente, ou seja, até individualmente pode ocorrer o uso de diferentes variedades de uma só forma da língua.

Não existe um padrão de linguagem que possa ser considerado superior, coexistem usos diferentes. O que determina a escolha de tal ou tal variedade é a situação concreta de comunicação, muitas vezes essa variação da língua expressa a variedade cultural existente em qualquer grupo. As variações da língua são fenômenos completamente normais e sempre existiram, porém esse fenômeno também vem carregado do forte preconceito de alguns falantes. O preconceito que é dirigido a alguém por causa do seu modo de falar, da variação linguística de que o falante faz parte é chamado de **preconceito linguístico**.

Leia o trecho que faz parte da introdução do livro “Preconceito linguístico: o que é e como se faz”, de Marcos Bagno, que trata desse assunto:

A mitologia do preconceito linguístico

Parece haver cada vez mais, nos dias de hoje, uma forte tendência a lutar contra as mais variadas formas de preconceito, a mostrar que eles não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são penas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica.

Infelizmente, porém, essa tendência não tem atingido um tipo de preconceito muito comum na sociedade brasileira: o preconceito linguístico. Muito pelo contrário, o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos.

O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui. Outras afirmações são até bem-intencionadas, mas mesmo assim compõem uma espécie de “preconceito positivo”, que também se afasta da realidade. (...)

(Bagno, Marcos. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. 49 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007 - fragmento)

Por ser pouco divulgado e discutido, o preconceito linguístico continua ganhando corpo em algumas práticas sociais de uso da língua. O modo diferente de falar de algumas pessoas (caipiras, nordestinos, jovens etc) por se diferenciar do uso recorrente, considerado prestigiado da linguagem, é frequentemente alvo de piadas, em que as noções de certo e errado viram mote. A língua é como uma roupa, ao usá-la estamos não somente demonstrando que sabemos o idioma, mas a que grupo social pertencemos, que carga cultural carregamos, que preconceitos, que ideologias, que objetivos, desejos levamos conosco. Negar o modo de se comunicar de alguém é negar uma história de vida.

TIPOS DE VARIAÇÕES

1) Quanto aos dialetos

a) Variação Geográfica

Caracteriza-se pelo sotaque, pelo vocabulário, por frases e pelos sentidos diferentes que algumas em diferentes regiões. Dentro de uma comunidade comunidades linguísticas menores em torno de centros política e economia, que acabam por definir os padrões região de sua influência. As diferenças linguísticas graduais, nem sempre coincidindo com as fronteiras

Ex.:

b) Variação Histórica

Diz respeito à evolução da língua no tempo. Assim, o português utilizado numa cantiga de amigo da época medieval é muito diferente do português empregado num poema da atualidade.

Ex.: "Ai flores, ai flores do verde pino,
se sabedes novas do meu amigo!
ai Deus, e u é?"

Causo mineiro:



Sapassado, era sessetembro,
taveu na cozinha tomando uma
pincumel e cuzinhando um
kidicarme cumastumate pra fazer
uma macarronada cum
galinhassada. Quascai de susto
quanduvi um barui vindu
denduforno parecenum tidiguerra.
A receita mandopô midipipoca
denda galinha prassá.
O forno isquentô, o mistorô e o
fiôfô da galinhapludiu!
Nossinhora! Fiquei branco quinein
um lidileite. Foi um trem doidimaist!
Quascai dendapia! Fiquei
sensabê doncovim, noncoitô,
proncovô. Opcevé quilocura!
Grazadeus ninguem semaxucô!

certas estruturas de palavras podem assumir mais ampla, formam-se polarizados da cultura, linguísticos utilizados na entre as regiões são geográficas.

Ai flores, ai flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado!
ai Deus, e u é?
Se sabedes novas do meu amigo,
aquele que mentiu do que pôs comigo!
ai Deus, e u é?
(...)

(D. Dinis)

“A linguagem e figura do entendimento [...] Os bons falam virtudes e os maliciosos maldades [...] sabe falar os q etede as cousas: porq das cousas naçe as palauras e não das palauras as cousas”.
(Fernão de Oliveira, autor da primeira gramática da língua portuguesa, publicada em 1936. Texto adap.)

c) Variação Sociocultural

São determinadas pelo meio social, nível de escolaridade e pela forma cultural do indivíduo. Normalmente representada pelo uso de gírias.



Ex.:

d) Variação Técnica ou Profissional

São as linguagens especiais utilizadas por grupos envolvidos numa determinada atividade (médicos, advogados, economistas).

Ex.:



Fonte: no
jornalism
o a

- ACHEFLAN é indicado nas seguintes situações: tendinites e afecções músculo-esqueléticas associadas à dor e inflamação, como (como dorsalgia e lombalgia).

e) Variação por Gênero

A língua também varia pelo sexo do indivíduo.

Ex.: - Que menino gatinho!

- Galera, aquela mina é show de bola!

f) Variante estilística:

Engloba as variantes observadas num mesmo indivíduo, conforme a situação de comunicação em que se encontra. Há, portanto, situações que permitem uma linguagem bem informal (conversa com amigos num bar) e outras que exigem um grau considerável de formalidade (apresentação de um trabalho na escola).

Ex: "Ele ganhou uma **bolada** na loteria, mas já **torrou** tudo".

(o locutor "X" – jornalista – em uma conversa com os amigos)

"Ele ganhou **muito dinheiro** na loteria, mas já **gastou** tudo descontroladamente."

(locutor "X" – jornalista – transmitindo uma notícia por meio da televisão)

2) Quanto aos níveis de linguagem

a) Coloquial/ Informal

É a forma popular de utilização da língua; nem sempre obedece à gramática normativa.

Ex.: Aconteceu um rebu na escola e o pau quebrou.

- Tu vai mais tarde?

b) Norma Culta/ Norma Padrão

É a linguagem que obedece às normas gramaticais, utilizada por pessoas escolarizadas em situações formais.

Ex.: Houve uma grande confusão no colégio e muitos brigaram.

- Por gentileza, senhores, dirijam-se às suas acomodações.

c) Artístico/ Literário

É uma linguagem artística que expressa a mensagem de maneira original e criativa.

Ex.:

DO AMOROSO ESQUECIMENTO

Eu agora - que desfecho!

Já nem penso mais em ti...

Mas será que nunca deixo
De lembrar que te esqueci?
(Mario Quintana - Espelho Mágico)

3) Quanto à modalidade

a) Linguagem Oral

A acentuação (relevo de sílaba ou sílabas), a entoação (melodia da frase), as pausas (intervalos significativos no decorrer do discurso), além da possibilidade de gestos, olhares, piscadas, etc., fazem da língua falada a modalidade mais expressiva, mais criativa, mais espontânea e natural, estando, por isso mesmo, mais sujeita a transformações e a evoluções.

b) Linguagem Escrita

A **língua escrita**, estática, é mais elaborada e menos econômica, não dispõe dos recursos próprios da **língua falada**.

Ex.:

Condicionada fundamentalmente pelos veículos de massa, que a coagem a respeitar o "código" de convenções do ouvinte, a música popular não apresenta, senão em grau atenuado, o contraditório entre informação e redundância, produção e consumo. Desse modo, ela se encaminha para o que Umberto Eco denomina de música "gastronômica": um produto industrial que não consegue nenhum objetivo artístico, mas, ao contrário, tende a satisfazer as exigências do mercado, e que tem, como característica principal, não acrescentar nada de novo, redizendo sempre aquilo que o auditório já sabe e espera ansiosamente ver repetido. (...)

(Augusto de Campos. **O Balanço da Bossa**).

EXERCÍCIOS

Texto 1

Que fala cabe à escola ensinar

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas.

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma "certa" de falar — a que se parece com a escrita — e o de que a escrita é o espelho da fala — e, sendo assim, seria preciso "consertar" a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico.

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido.

(Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. P. 26. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>)

1. O texto argumenta a favor de:

- a) aulas de língua portuguesa que enfatizem as variedades linguísticas de maior prestígio;
- b) professores de português que saibam corrigir a forma das expressões linguísticas;
- c) um ensino de língua portuguesa que demonstre respeito às diferenças dialetais;
- d) um ensino de língua portuguesa que priorize a uniformização, tanto da fala quanto da escrita;
- e) uma escola que ensine todas as variedades dialetais que se encontram no Brasil.

2. Sobre as variedades linguísticas, o texto afirma que:

- I. são conseqüências da escola, que dissemina o preconceito;
- II. somente a variedade prestigiada corresponde inteiramente à escrita de uma língua;
- III. elas são as responsáveis pela identificação geográfica e social das pessoas;
- IV. com frequência, as variedades de menor prestígio são consideradas erradas.

Estão corretas:

- a) 1, 2, 3 e 4.
- b) 1 e 2, apenas.
- c) 2 e 3, apenas.
- d) 1 e 4, apenas.
- e) 3 e 4, apenas.

3. O texto defende que “a questão não é falar certo ou errado”, mas considerar:

- I. o registro mais adequado.
- II. quem é o interlocutor.
- III. as intenções pretendidas.
- IV. a norma padrão da gramática.

Estão corretas:

- a) 1, 2, 3 e 4.
- b) 1, 2 e 3, apenas.
- c) 1, 2 e 4, apenas.
- d) 2, 3 e 4, apenas.
- e) 1 e 4, apenas.

4. O autor afirma que “Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam”. Observa-se que ele comenta sobre, respectivamente, as variações:

- a) técnica e de sotaque.
- b) histórica e técnica.
- c) estilística e por gênero.
- d) artística e das gírias.
- e) de sotaque e das gírias.

5. Em relação às duas estrofes do poema "Aula de Português", de Carlos Drummond de Andrade, assinale a alternativa INCORRETA:

TEXTO 2

A linguagem
na ponta da língua,
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada das estrelas,
sabe lá o que ela quer dizer?

(ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo. In: "Poesia e Prosa". Rio: Nova Aguilar, 1988.)

- a) As estrofes fazem oposição entre as modalidades falada e escrita da língua.
- b) Para o poeta, a modalidade escrita é mais valorizada, complexa e, portanto, letrada; daí a sua dificuldade em entendê-la.
- c) As estrofes focalizam o fenômeno da variação linguística, isto é, das variedades coloquial e poética.
- d) As estrofes sugerem que a língua não é homogênea nem uniforme sob o ponto de vista de seu uso.
- e) O poeta sugere que há melhor desempenho do usuário em uma modalidade linguística que em outra.

TEXTO 3

Assaltantes Regionais

Assaltante Paraibano:

- Ei bichin...
- Isso é um assalto!
- Arriba aí os braços e não se bula
- Num se cague e não faça mungança...
- Arrebola o dinheiro no mato e não faça pantim se não enfio a pexera no teu bucho e boto teu fato prá fora...

Assaltante Baiano:

- Ô meu rei...(pausa)
- Isso é um assalto...(longa pausa)
- Levanta os braços, mas não se avexe não...(outra pausa)
- Se não quiser nem precisa levantar pra não ficar cansado...
- Vai passando a grana bem devagarinho... (pausa pra pausa)
- Num repara se o berro está sem bala, mas é pra não ficar muito pesado;
- Não esquento meu irmãozinho...(pausa)
- Vou deixar teus documentos na encruzilhada...

Assaltante Mineiro:

- Ô sô, prestensão...
- Isso é um assarto uai!
- Levanta os braço e fica quetim
- Quêsse trem na minha mão tá cheidibala...
- Mió passa logo os trocado qui num tô bão hoji
- Vai andano uai!

Assaltante Carioca:

- Seguiiinte bicho....
- Tu se ferrô mermão.
- Isso é um assalto!
- Passa a grana e levanta os braços rapá...
- Não fica de bobeira, vai andando e se olhar pra trás vira presunto.

Assaltante Gaúcho:

- O gurí, ficas atento.
- Báh, isso é um assalto!
- Levanta os braços e te aquieta tchê!
- Não tentes nada, e cuidado que este facão corta uma barbaridade, tchê
- Passa os pila prá cá!
- E te manda a lá cria, se não o quarenta e quatro fala...

Assaltante de Brasília:

- Querido povo brasileiro, estou aqui no horário nobre da TV para dizer que não tenho nada a ver com o mensalão, que não sei de nada e não vi nada, mas sei que no final do mês por exigência do FMI aumentaremos as seguintes tarifas para dar uma ajuda aos pobres políticos do nosso país:
- Energia, água, passagens aéreas e de ônibus, gás, Imposto de renda, Licenciamento de veículos, seguro obrigatório, gasolina, álcool, IPTU, ICMS, PIS, COFINS.
- Mas meu povo não se esqueça: somos uma nação feliz!
- O Brasil é penta e em fevereiro tem carnaval!!!

(<http://forum.outerspace.com.br/>)

6. Relacionando o TEXTO 3 ao que estudamos em VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, é incorreto afirmar que:

a) Toda variedade regional é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social.

- b) As variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades nada têm de intrinsecamente superior às demais.
- c) A pluralidade cultural e a rejeição aos preconceitos linguísticos são valores que precisam ser cultivados a partir da escola.
- d) A diversidade linguística deve se considerada a partir de seus vários contextos discursivos.
- e) Não se deve considerar, na escola, a linguagem coloquial porque empobrece o vocabulário dos alunos.

TEXTO 4

O SAL DA LÍNGUA

A nossa língua é feita por todos. Cada falante do português se apropria da língua e, no mesmo movimento, a transforma, para si e para todos. Mas não é por acaso que as variantes só conquistam legitimidade e lugar nos dicionários depois de se verem consagradas pelas obras literárias. É que, por muito que desagradem aos populistas da linguagem, as variantes impostas pelo uso popular sempre foram aceitas pela norma só depois de ratificadas (contra toda a resistência dos puristas) pelas "elites" cultas. Guimarães Rosa, por exemplo, não nos traz, por si só, a fala dos sertões, porque produz obras de arte literárias. Mas, em retorno, as suas obras contribuem para a legitimação, complexa e contraditória, daquela fala no âmbito da elaboração da respectiva norma. A importância disto a que chamamos Literatura e Poesia para a vida da Língua tem vindo a ser posta em causa por um tecnicismo pragmático e nivelador. Não admira que num recente concurso público um candidato não tenha sido capaz de reconhecer a ironia num texto de Eça de Queirós. Ora, um sistema de ensino que não dê realce à dimensão literária da língua cria cidadãos mais facilmente manipuláveis por quaisquer discursos de dominação. (...)

Não podemos desprender, com gesto altaneiro, a língua da literatura. É na expressão literária que se vive a complexidade da língua nos próprios limites do pensamento. Sem essa complexidade, sem esse jogo e essa ambiguidade, todos nós ficaremos empobrecidos, porque diminuídos na nossa liberdade de inventar possíveis.

(Eugênio de Andrade. *Jornal de Letras, Artes e Ideias* – Instituto Camões, nº. 88, julho de 2005, suplemento nº 907, Ano XXV. Adaptado).

7. Analisando a argumentação construída no TEXTO 4, podemos afirmar que se trata de um texto em que se defende, prioritariamente:

- A) a apropriação da língua por cada falante do português, a fim de que as transformações trazidas pela linguagem sejam compartilhadas por todos.
- B) a aceitação, pelas elites cultas e puristas, das formas usadas pelas variantes populares, com o propósito de satisfazer aos populistas da linguagem.
- C) a equivalência, em termos de relevância, entre a Literatura e o tecnicismo pragmático, dada a importância de ambos para a consolidação da cidadania.
- D) a indissociabilidade entre a língua e a literatura, uma vez que a literatura é o espaço no qual podemos enriquecer nossa capacidade expressiva.
- E) a criação de um sistema de ensino que ponha em relevo a dimensão literária da língua, para que os cidadãos não sejam facilmente manipuláveis e dominados.

8. Na opinião do autor do TEXTO 4, a aceitação de variantes populares está condicionada:

- A) a mudanças sociolinguísticas.
- B) a seu uso efetivo na Literatura.
- C) à forte pressão dos populistas.
- D) a sua presença em dicionários.

E) à imposição dos puristas.

9. Analisando as relações de sentido pretendidas pelo autor do TEXTO 4, é correto afirmar que, no contexto em que se inserem:

- A) “ratificadas pelas elites cultas” é o mesmo que “corrigidas pelas elites cultas”.
- B) “tem vindo a ser posta em causa” corresponde a “tem sido manipulada”.
- C) “sistema de ensino que não dê realce” equivale a “sistema de ensino que não enfatize”.
- D) “gesto altaneiro” significa “gesto leviano”.
- E) “essa ambiguidade” é equivalente a “essa diversidade”.

GÊNEROS E TIPOS TEXTUAIS

Tipos textuais referem-se à estrutura composicional do texto. Hoje, admitem-se cinco tipos textuais: *descrição, narração, dissertação, exposição e injunção*. Os tipos textuais são agrupados segundo características próprias em relação ao léxico e a sua composição e estrutura.

Os gêneros textuais, por sua vez, são comumente confundidos com os tipos textuais, porém se diferenciam destes por se organizarem em uma quantidade incontável na sociedade. Os gêneros são classificados conforme sua funcionalidade, seu uso social, seu caráter único na língua. Cada gênero pode unir-se a outro gênero formando o que se chama de gênero híbrido (um poema em que se percebem características de uma carta, uma propaganda em que se percebem características de um conto etc.). A música “Receita de felicidade”, de Toquinho tem características do gênero receita.

Receita de felicidade (Toquinho)

Pegue uns pedacinhos de afeto e de ilusão;
Misture com um pouquinho de amizade;
Junte com carinho uma pontinha de paixão
E uma pitadinha de saudade.

Pegue o dom divino maternal de uma mulher
E um sorriso limpo de criança;
Junte a ingenuidade de um primeiro amor qualquer
Com o eterno brilho da esperança.

Peça emprestada a ternura de um casal
E a luz da estrada dos que amam pra valer;
Tenha sempre muito amor,
Que o amor nunca faz mal.

Pinte a vida com o arco-íris do prazer;
Sonhe, pois sonhar ainda é fundamental
E um sonho sempre pode acontecer.

O espaço que agrupa um conjunto de gêneros textuais (com características semelhantes ou não) é chamado de **suporte textual**. Assim, pode-se afirmar, por exemplo, que o gênero textual *editorial* pertence ao tipo textual *dissertativo* e pode estar presente no suporte textual *jornal*.

QUADRO RESUMO DE ALGUNS GÊNEROS TEXTUAIS E SEUS DETERMINADOS TIPOS

Domínios sociais de comunicação	Aspectos tipológicos	Capacidade de linguagem dominante	Exemplo de gêneros orais e escritos
Cultura Literária Ficcional	Narração;	Representação ficcional de situações verdadeiras ou não com a presença de elementos e momentos narrativos.	Conto de Fadas, fábula, lenda, narrativa de aventura, narrativa de ficção científica, narrativa de enigma, narrativa mítica, história engraçada, biografia romanceada, romance, romance histórico, novela fantástica, conto, crônica literária, adivinha, piada (...)
Documentação e memorização das ações humanas	Descrição;	Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo	Relato de experiência vivida, relato de viagem, diário íntimo, testemunho, anedota ou caso, autobiografia, curriculum vitae, notícia, reportagem, crônica social, crônica esportiva, histórico, relato histórico, ensaio ou perfil biográfico, biografia (...)
Discussão de problemas sociais controversos	Dissertação;	Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição	Textos de opinião, diálogo argumentativo, carta de leitor, carta de solicitação, deliberação informal, debate regrado, assembleia, discurso de defesa (advocacia), discurso de acusação (advocacia), resenha crítica, artigos de opinião ou assinados, editorial, ensaio (...)
Transmissão e construção de saberes	Exposição;	Apresentação textual de diferentes formas dos saberes	Texto expositivo, exposição oral, seminário, conferência, comunicação oral, palestra, entrevista de especialista, verbete, artigo enciclopédico, texto explicativo, tomada de notas, resumo de textos expositivos e explicativos, resenha, relatório científico, relatório oral de experiência (...)
Instruções e prescrições	Injunção.	Regulação mútua de comportamentos	Instruções de montagem, receita, regulamento, regras de jogo, instruções de uso, comandos diversos, textos prescritivos (...)

CHARGE E CARTUM

Charge é um estilo de ilustração que tem por finalidade satirizar, por meio de uma caricatura, algum acontecimento atual com uma ou mais personagens envolvidas. A palavra é de origem francesa e significa *carga*, ou seja, exagera traços do caráter de alguém ou de algo para torná-lo *burlesco*. Muito utilizadas em críticas políticas no Brasil. Apesar de ser confundido com *cartum* (ou *cartum*), que é uma palavra de origem inglesa, é considerado como algo totalmente diferente, pois ao contrário da charge, que sempre é uma crítica contundente, o cartum retrata situações mais corriqueiras do dia-a-dia da sociedade. Mais do que um simples desenho, a charge é uma crítica político-social onde o artista expressa graficamente sua visão sobre determinadas situações cotidianas através do humor e da sátira. Para entender uma charge, não é preciso ser necessariamente uma pessoa culta, basta estar por dentro do que acontece ao seu redor. A charge tem um alcance maior do que um editorial, por exemplo, por isso a charge, como desenho crítico, é temida pelos poderosos. Não é à toa que quando se estabelece censura em algum país, a charge é o primeiro alvo dos censores.

O termo *charge* vem do francês *charger* que significa carga, exagero ou, até mesmo ataque violento (carga de cavalaria). Isto significa aqui uma representação *pirctográfica* de caráter, como diz no primeiro parágrafo, *burlesco* e

de caricaturas. É o *cartum*, mas que satiriza um certo fato, como ideia, acontecimento, situação ou pessoa, envolvendo principalmente casos de caráter político que seja de conhecimento do público.

As *charges* foram criadas no princípio do século XIX (dezenove), por pessoas opostas a governos ou críticos políticos que queriam se expressar de forma jamais apresentada, inusitada. Foram reprimidos por governos (principalmente impérios), porém ganharam grande popularidade com a população, fato que acarretou sua existência até os tempos de hoje em dia.

Um **cartoon**, **cartune** ou **cartum** é um desenho humorístico acompanhado ou não de legenda, de caráter extremamente crítico retratando de uma forma bastante sintetizada algo que envolve o dia-a-dia de uma sociedade.

O termo é de origem britânica, e foi pela primeira vez utilizado neste contexto na década de 1840, quando a revista Punch publicou uma série de charges que parodiavam estudos para os frescos do Palácio de Westminster, adaptados para satirizar acontecimentos da política contemporânea. O significado original da palavra *cartoon* é mesmo "estudo", ou "esboço", e é muito utilizada nas artes plásticas.

Este tipo de desenho é ainda considerado uma forma de comédia e mantém o seu espaço na imprensa escrita atual.

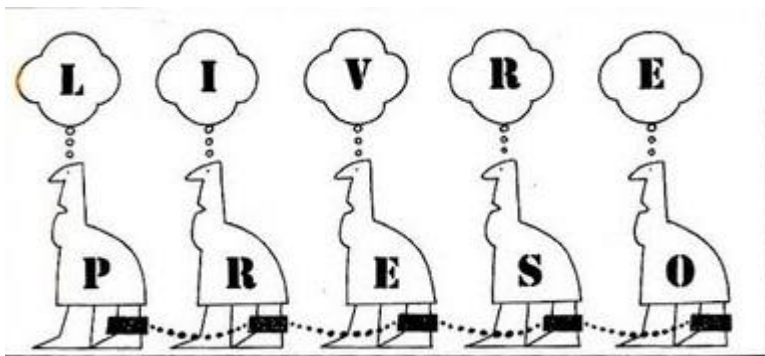
Observe as imagens abaixo:



Charge
publicad



Esta
charge
foi
publica



Car

EXERCÍCIOS

TEXTO 1

Comida

bebida é água.

comida é pasto.

você tem sede de quê?

você tem fome de quê?

a gente não quer só comida,

a gente quer comida, diversão e arte.

a gente não quer só comida,

a gente quer saída para qualquer parte.

(...)

a gente não quer só dinheiro,

a gente quer dinheiro e felicidade.

a gente não quer só dinheiro,

a gente quer inteiro e não pela metade.

bebida é água.

comida é pasto.

você tem sede de quê?

você tem fome de quê?

ANTUNES, Arnaldo; FROMER, Marcelo; & BRITO, Sérgio.

1. Você leu um trecho de uma conhecida canção do grupo Titãs. Sobre o tema de que trata o texto, pode-se afirmar que

- A) chama a atenção para a questão ambiental, sobretudo, da água.
- B) é uma crítica à redução da produção de comida em prol de pastos.
- C) focaliza, essencialmente, as necessidades mais imediatas das pessoas.
- D) reivindica o aplacamento da fome que ainda é comum no mundo.
- E) relaciona-se, sobretudo, a prerrogativas próprias do ser humano.

2. Sobre os aspectos formais, aqueles relacionados ao modo como o texto está organizado, pode-se afirmar que

A) a irregularidade das rimas marca o texto com a perda de importantes recursos sonoros e rítmicos.

B) a ruptura com uma linguagem mais formal faz o texto distanciar-se das características próprias da poesia.

C) há repetição da estrutura de frases com substituição de determinadas palavras ao longo de todo o texto.

D) o refrão, a parte que se repete regularmente numa composição, é constituído apenas pelos versos “você tem sede de quê? / você tem fome de quê?”.

E) os versos são dispostos de modo aleatório e sem preocupação com o rigor comum na estrutura poética.

3. Compare o conteúdo da frase de uso geral “**dinheiro não traz felicidade**” com os versos:

a gente não quer só dinheiro,/ a gente quer dinheiro e felicidade./ a gente não quer só dinheiro,/ a gente quer inteiro e não pela metade.

Sobre o processo de intertextualidade evidenciado no texto, pode-se afirmar que o poema

A) adere totalmente à ideia contida na frase.

B) “reescreve” a frase de modo a resumir a sua ideia.

C) ridiculariza o conteúdo da frase, emprestando-lhe humor.

D) se fundamenta na frase, mas adota outra perspectiva.

E) usa a frase de modo não intencional dentro do seu discurso.

TEXTO 2



4. A análise do gênero de texto apresentado logo acima nos autoriza a fazer os seguintes comentários:

- 1) A exposição da foto é um pretexto para a formulação de uma denúncia ou de um protesto face à situação apresentada.
 - 2) A legenda que aparece sob a foto – embora de caráter descritivo – sugere tratar-se de um outro tipo de texto: o tipo narrativo.
 - 3) Embora o texto em análise contenha figuras e poucos signos verbais, pode-se perceber uma unidade de sentido em seu todo.
 - 4) “Era uma casa sem janela nem quintal”. Essa afirmação - em harmonia com a cena mostrada -, pretende ser mais que uma simples declaração.
5. Ainda que bem apresentado, o Texto 2 é inadequado para a exposição em um jornal infantil, pois a linguagem deve servir, antes, à comunicação de ideias.

Estão corretos os comentários:

- A) 1, 2 e 4 apenas
- B) 1, 3 e 5 apenas
- C) 2, 3 e 5 apenas
- D) 1, 2, 3 e 4 apenas
- E) 1, 2, 3, 4 e 5

TEXTO 3



(Isto É Minas, 97, 29 set.1993. In: Platão & Fiorin. Lições de Texto. Ática, 1996, pág.318.Adaptado.)

6. Analise as proposições abaixo, relacionadas ao texto 3:

- I. Não basta apenas a linguagem verbal; a imagem também ajuda a construir a coerência.
- II. O vocábulo "preserve" marca o discurso dos ecologistas e neste se apoia o autor do Texto.
- III. O trocadilho comprometeu a coerência, tornando inviável a compreensão do texto.
- IV. O recurso do trocadilho reforça o apelo, para que se dê atenção à criança abandonada.
- V. A imagem do menino de rua é um detalhe sem importância para o sentido do texto.

Estão corretas, apenas:

- a) I, II e IV
- b) I, II e V
- c) I, III e V
- d) II, III e V

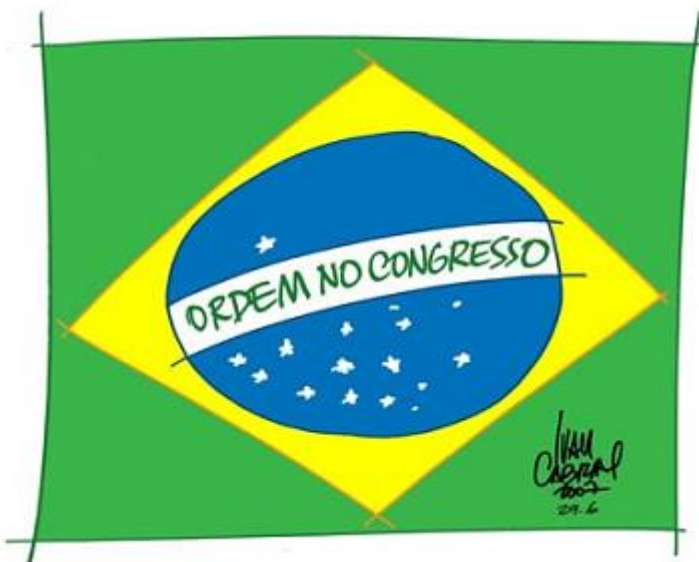
e) III, IV e V

7. Assinale a alternativa que sintetiza a temática da campanha publicitária (texto 3).

- a) A preocupação com as crianças de rua é proporcional às campanhas pela preservação da natureza.
- b) Os ecologistas publicam, com frequência, trabalhos científicos em revistas e manuais especializados.
- c) A finalidade da LBV é chamar a atenção para os movimentos populares em favor do meio-ambiente.
- d) As campanhas de preservação do meio têm consequências equivalentes às que defendem as crianças.
- e) As campanhas em defesa da natureza parecem ecoar mais alto, que a voz em favor das crianças de rua.

Analise a charge abaixo:

TEXTO 4

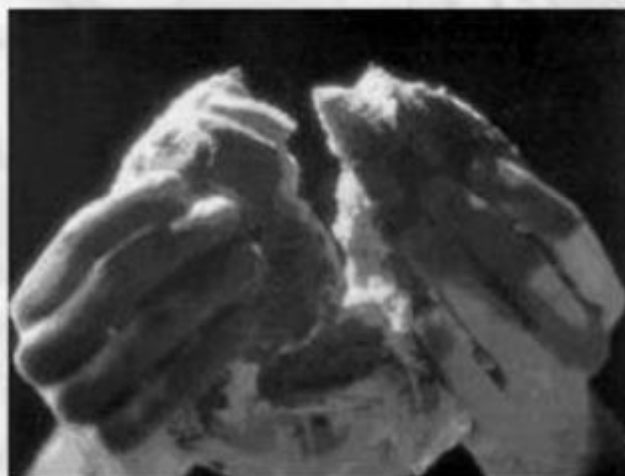


8. Sobre ela, é CORRETO afirmar que

- A) consta uma palavra grafada incorretamente.
- B) é um exemplo de gênero textual, em que se verifica uma intertextualidade.
- C) por meio deste gênero textual, o autor leva o leitor a uma conscientização do que ocorre em todos os países.
- D) faz inferência a fatos que ocorreram em todos os Congressos Nacionais.
- E) induz o leitor a amar o seu país.

TEXTO 5

**Se não pode fazer o milagre
da multiplicação dos pães,
faça o da divisão.**



**Dias 28 e 29 de Novembro vamos ajudar
nesta grande campanha social - TODOS**



(Texto disponível em: www.grupo78noticias.blogspot.com.
Acesso em 29/11/2010.)

9. Conforme o que a análise global do Texto 5, em sua função comunicativa, nos permite afirmar, marque V ou F:

- () nele, predomina a intenção de persuadir os possíveis leitores e ganhar sua adesão quanto ao teor da mensagem.
- () os elementos presentes, tanto os verbais quanto os não verbais, levam o leitor a reconhecê-lo como um anúncio.
- () estão ausentes do texto pistas que indicam o interesse do emissor por se incluir entre os destinatários da mensagem.
- () o texto faz referência intertextual explícita a um texto bastante conhecido da esfera religiosa.
- () o referente para a expressão “nesta grande campanha” não está explícito no texto. O leitor deverá identificá-lo pela totalidade da mensagem veiculada.

10. Acerca de elementos linguísticos do Texto 5, analise as proposições abaixo e complete-as com V ou F.

- () A elipse que se verifica em “faça o da divisão” é um recurso coesivo que, mesmo não presente à superfície do texto, contribui para a sua coerência.

- () O modo verbal imperativo selecionado pelo autor é um recurso adicional para reforçar o apelo feito no texto.
- () “Multiplicação” e “divisão” são conceitos matemáticos, e, por isso, inadequados para os sentidos pretendidos pelo autor.
- () O paralelismo sintático do texto se evidencia, também, pelo fato de o sujeito dos dois segmentos ser o mesmo (“você”).
- () O artigo definido colocado em “o milagre” reforça o caráter intertextual do texto.

TEXTO 6

Câncer 21/06 a 21/07

O eclipse em seu signo vai desencadear mudanças na sua autoestima e no seu modo de agir. O corpo indicará onde você falha – se anda engolindo sapos, a área gástrica se ressentirá. O que ficou guardado virá à tona para ser transformado, pois este novo ciclo exige uma “desintoxicação”. Seja comedida em suas ações, já que precisará de energia para se recompor. Há preocupação com a família, e a comunicação com os irmãos trava. Lembre-se: palavra preciosa é palavra dita na hora certa. Isso ajuda também na vida amorosa, que será testada. Melhor conter as expectativas e ter calma, avaliando as próprias carências de modo maduro. Sentirá vontade de olhar além das questões materiais – sua confiança virá da intimidade com os assuntos da alma.

Revista Cláudia. Nº 7, ano 48, jul. 2009.

11. O reconhecimento dos diferentes gêneros textuais, seu contexto de uso, sua função social específica, seu objetivo comunicativo e seu formato mais comum relacionam-se aos conhecimentos construídos socioculturalmente. A análise dos elementos constitutivos desse texto demonstra que sua função é

- a) vender um produto anunciado.
- b) informar sobre astronomia.
- c) ensinar os cuidados com a saúde.
- d) expor a opinião de leitores em um jornal.
- e) aconselhar sobre amor, família, saúde, trabalho.

TEXTO 7

MOSTRE QUE SUA MEMÓRIA É MELHOR
DO QUE A DE COMPUTADOR E GUARDE
ESTA CONDIÇÃO: 12X SEM JUROS.

Campanha publicitária de loja de eletroeletrônicos. Revista Época. Nº 424, 03 jul. 2006.

12. Ao circularem socialmente, os textos realizam-se como práticas de linguagem, assumindo configurações específicas, formais e de conteúdo. Considerando o contexto em que circula o texto publicitário, seu objetivo básico é

- a) influenciar o comportamento do leitor por meio de apelos que visam à adesão ao consumo.
- b) definir regras de comportamento social pautadas no combate ao consumismo exagerado.
- c) defender a importância do conhecimento de informática pela população de baixo poder aquisitivo.
- d) facilitar o uso de equipamentos de informática pelas classes sociais economicamente desfavorecidas.
- e) questionar o fato de o homem ser mais inteligente que a máquina, mesmo a mais moderna.

TEXTO 8

Transtorno do comer compulsivo

O transtorno do comer compulsivo vem sendo reconhecido, nos últimos anos, como uma síndrome caracterizada por episódios de ingestão exagerada e compulsiva de alimentos, porém, diferentemente da bulimia nervosa, essas pessoas não tentam evitar ganho de peso com os métodos compensatórios. Os episódios vêm acompanhados de uma sensação de falta de controle sobre o ato de comer, sentimentos de culpa e de vergonha.

Muitas pessoas com essa síndrome são obesas, apresentando uma história de variação de peso, pois a comida é usada para lidar com problemas psicológicos. O transtorno do comer compulsivo é encontrado em cerca de 2% da população em geral, mais frequentemente acometendo mulheres entre 20 e 30 anos de idade. Pesquisas demonstram que 30% das pessoas que procuram tratamento para obesidade ou para perda de peso são portadoras de transtorno do comer compulsivo.

Disponível em: <http://www.abcdasaude.com.br>. Acesso em: 1 maio 2009 (adaptado).

13. Considerando as ideias desenvolvidas pelo autor, conclui-se que o texto tem a finalidade de

- a) descrever e fornecer orientações sobre a síndrome da compulsão alimentícia.
- b) narrar a vida das pessoas que têm o transtorno do comer compulsivo.
- c) aconselhar as pessoas obesas a perder peso com métodos simples.
- d) expor de forma geral o transtorno compulsivo por alimentação.
- e) encaminhar as pessoas para a mudança de hábitos alimentícios.

TEXTO 9

Olhar o vizinho é o primeiro passo

Não é preciso ser filósofo na atualidade, para perceber que o “bom” e o “bem” não prevalecem tanto quanto desejamos. Sob a égide de uma moral individualista, o consumo e a concentração de renda despontam como metas pessoais e fazem muitos de nós nos esquecermos do outro, do irmão, do próximo. Passamos muito tempo olhando para nossos próprios umbigos ou mergulhados em nossas crises existenciais e não reparamos nos pedidos de ajuda de quem está ao nosso lado. É difícil tirar os óculos escuros da indiferença e estender a mão, não para dar uma esmola à criança que faz malabarismo no sinal, para ganhar um trocado simpático, mas para tentar mudar uma situação adversa, fazer a diferença. O que as pessoas que ajudam outras nos mostram é que basta querer, para mudar o mundo. Não é preciso ser milionário, para fazer uma doação. Se não há dinheiro, o trabalho também é bem-vindo. Doar um pouco de conhecimento ou expertise, para fazer o bem a outros que não

têm acesso a esses serviços, é mais que caridade: é senso de responsabilidade. Basta ter disposição e sentimento e fazer um trabalho de formiguinha, pois, como diz o ditado, é a união que faz a força! Graças a esses filósofos da prática, ainda podemos colocar fé na humanidade. Eles nos mostram que fazer o bem é bom e seguem esse caminho por puro amor, vocação e humanismo.

(Diário do Nordeste. 28 abr. 2008)

14. Com relação ao tipo textual, o texto 9

- A) é uma dissertação
- B) mistura descrição com narração, com predomínio da descrição.
- C) mistura descrição com narração, com predomínio da narração.
- D) mistura descrição, narração e dissertação, com predomínio da narração e da dissertação.
- E) mistura descrição, narração e dissertação, com predomínio da descrição e da dissertação.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

O Coração Roubado

Marcos Rey

Eu cursava o último ano do primário e como já estava com o diplominha garantido, meu pai me deu um presente muito cobiçado: O Coração, famoso livro do escritor italiano Edmondo de Amicis, *best-seller* mundial do gênero infanto-juvenil. Na página de abertura lá estava a dedicatória do velho, com sua inconfundível letra esparramada. Como todos os garotos da época, apaixonei-me por aquela obra-prima e tanto que a levava ao grupo escolar da barra funda para reler trechos no recreio.

Justamente no último dia de aula, o das despedias, depois da festinha de formatura, voltei para a classe a fim de reunir meus cadernos e objetos escolares, antes do adeus. Mas onde estava o Coração? Onde? Desaparecera. Tremendo choque. Algum colega na certa o furtara. Não teria coragem de aparecer em casa sem ele. Ia informar à diretoria quando, passando pelas carteiras, vi a lombada do livro, bem escondido sob uma pasta escolar. Mas... era lá que se sentava o Plínio, não era? Plínio, o primeiro da classe em aplicação e comportamento, o exemplo para todos nós. Inclusive o mais limpinho, o mais penteadinho, o mais tudo. Confesso, hesitei. Desmascarar um ídolo? Podia ser até que não acreditassem em mim. Muitos invejavam o Plínio. Peguei o exemplar e o guardei em minha pasta. Caladão. Sem revelar a ninguém o acontecido. Lembro do abraço que Plínio me deu à saída. Parecia estar segurando as lágrimas. Balbuciou algumas palavras emocionadas. Mal pude retribuir, meus braços se recusavam a apertar o cínico.

Chegando em casa, minha mãe estranhou que não estivesse muito feliz. Já preocupado com o ginásio? Não, eu amargara a minha primeira decepção. Afinal, Plínio era um colega que devíamos imitar pela vida afora, como costumava dizer a professora. Seria mais difícil viver sem o seu exemplo. Por outro lado, considerava se não errara em não delatá-lo. "Vocês estão todos enganados, e a senhora também, sobre o caráter de Plínio. Ele roubou meu livro. E depois ainda foi me abraçar..."

Curioso, a decepção prolongou-se ao livro de Amicis, verdadeira vitrina de qualidades morais dos alunos de uma classe de escola primária. A história de um ano letivo coroadado de belos gestos. Quem sabe o autor não conhecesse a fundo seus próprios personagens. Um ingênuo como a nossa professora. Esqueci-o.

Passados muitos anos reconheci o retrato de Plínio num jornal. Advogado, fazia rápida carreira na Justiça. Recebia cumprimentos. Magistrado de futuro o tal que furtara o meu presente de fim de ano! Que toldara muito cedo minha crença na humanidade! Decidi falar a verdade. Caso alguém se referisse a ele, o que passou a acontecer, eu

garantia que se tratava de um ladrão. Se roubava já no curso primário, imaginem agora... Sempre que o rumo de uma conversa levava às grandes decepções, aos enganos de falsas amizades, eu contava, a quem quisesse ouvir, o episódio do embusteiro do Grupo Escolar Conselheiro Antônio Prado, em breve desembargador ou secretário da Justiça.

- Não piche assim o homem - advertiu-me minha mulher.
- Por que não? É um ladrão!
- Mas quando pegou seu livro era criança.
- O menino é o pai do homem - rebatia vigorosamente.

Plínio fixara-se como um marco para mim. Toda vez que o procedimento de alguém me surpreendia, a face oculta de uma pessoa era revelada, lembrava-me irremediavelmente dele. Limpinho. Penteadinho. E com a mão de gato se apoderando do meu livro.

Certa vez, tomaram a sua defesa:

- Plínio, um ladrão? Calúnia! Retire-se da minha presença!

Quando o desembargador Plínio já estava aposentado, mudei-me para o meu endereço atual. Durante a mudança alguns livros despencaram de uma estante improvisada. Um deles o Coração, de Amicis. Saudades! Havia quantos anos que não o abria? Quarenta, ou mais? Lembrei da dedicatória do meu falecido pai. Ele tinha boa letra. Procurei-a na página de rosto. Não a encontrei. Teria a tinta se apagado? Na página seguinte havia uma dedicatória. Mas não reconheci a caligrafia paterna.

“Ao meu querido filho Plínio, com todo amor e carinho do seu pai.”

1) Segundo o texto, pode-se dizer que não houve erro de avaliação em:

- a) “... vi a lombada do livro, bem escondido sob uma pasta escolar.”
- b) “...meus braços se recusavam a abraçar o cínico.”
- c) “Vocês estão todos enganados, e a senhora também, sobre o caráter do Plínio.”
- d) “Magistrado de futuro o tal que furtara meu presente de fim de ano.”
- e) “Plínio, o primeiro da classe em aplicação e comportamento,...”

2) O mal-entendido presente no texto originou-se porque:

- a) o narrador, na época, era uma criança.
- b) o narrador não considerou a possibilidade de existência de um outro livro.
- c) jamais se poderia pensar que Plínio pudesse roubar o livro.
- d) o narrador roubou o livro de Plínio.
- e) o único livro encontrado estava escondido.

3) O que justificaria o fato de o narrador, de imediato, ter pensado em roubo seria

- a) ter levado um tremendo choque.
- b) o livro estar escondido entre os pertences de seu colega.
- c) o livro ser muito cobiçado pelos garotos da época.
- d) o livro ter sumido justo no último dia de aula.
- e) a dúvida em relação ao caráter de Plínio.

4) “Curioso, a decepção prolongou-se ao livro de Amicis, ...”. O narrador diz isso porque

- a) queria esquecer o que aconteceu, por isso não pegou mais o livro.
- b) fora Plínio quem, segundo ele, pegara o livro.
- c) acreditava que Amicis equivocara-se no julgamento moral de seus personagens.
- d) o livro era uma “verdadeira vitrina de qualidades morais”.
- e) com o passar do tempo, foi deixando de acreditar no autor.

5) O título de um texto deve ser a expressão sintética do tema a ser tratado. Com relação ao texto de referência, pode-se dizer que o título

- a) nos remete exclusivamente ao nome do livro, objeto que se torna o centro de toda a tensão criada na narrativa.
- b) indica algo que adquire significado figurado no contexto, enquanto o seu sentido mais imediato e concreto – o livro –, deixa de ter valor na narrativa.
- c) revela, num primeiro momento, uma significação mais concreta – o livro –, e, num nível mais profundo de interpretação, o próprio sentimento do narrador.
- d) é apenas uma indicação inicial do autor, mostrando uma possibilidade interpretativa que o texto se encarrega de negar no seu final.
- e) esclarece antecipadamente que, somente após a concretização do roubo de um objeto, é que teremos a complicação do enredo da narrativa.

6) “Na página de abertura lá estava a dedicatória do velho, ...”. A maneira com que o narrador se refere ao pai denota

- a) desprezo
- b) respeito
- c) carinho
- d) formalidade
- e) desrespeito

7) “Não, eu amargava minha primeira decepção.” Assinale a alternativa que apresenta um termo com sentido equivalente ao sublinhado acima, sem alterar o significado da frase.

- a) aguentava
- b) sofria
- c) debatia-me
- d) expressava
- e) magoava

8) “Que toldara muito cedo minha crença na humanidade!” Segundo o texto, em relação à humanidade, a passagem acima deixa clara a ideia de

- a) otimismo
- b) fé
- c) cinismo
- d) pessimismo
- e) ateísmo

9) “- O menino é o pai do homem – rebatia vigorosamente.” Com isso, o narrador quis dizer

- a) exatamente o que diz o provérbio “filho de peixe, peixinho é.”
- b) que o filho será no futuro o que foi o pai.
- c) que as aparências enganam, como no caso de Plínio.
- d) que a criança revela a essência do que será o adulto no futuro.
- e) que Plínio é como os personagens do livro de Amicis.

10) Pelo desfecho da crônica, pressupõe-se que

- a) o narrador não perdoou Plínio.
- b) a dedicatória do pai do narrador alterou-se com o tempo.
- c) alguém escreveu outra dedicatória no livro.
- d) o narrador percebeu que se equivocara.
- e) a relação entre Plínio e o narrador recrudesciu.